

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

ADRIANA AMANTÉA DE FREITAS

ARTES E LITERATURA:PREVENÇÃO AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte

2010

ADRIANA AMANTÉA DE FREITAS

ARTES E LITERATURA :PREVENÇÃO AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Culturas Afro-brasileiras da UFMG, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte

2010

ADRIANA AMANTÉA DE FREITAS

ARTES E LITERATURA:PREVENÇÃO AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado ao Curso História da África e Culturas Afro-Brasileiras da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, para a disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica.

Orientadora: Liliane Dos Santos Jorge
Co-Orientadora: Miriam Lúcia dos Santos Jorge

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA



Liliane Dos Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG



Miriam Lúcia Dos Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG



Maria José Batista Pinto – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico a todos que
lutam por um mundo
mais justo.

Agradeço a Deus por me dar força interior e coragem para concluir este trabalho.

As professoras Liliane Jorge e Mirian Jorge por toda a paciência e dedicação à orientação deste trabalho e pelos ensinamentos que nos tem transmitido durante todo este período.

A todos os professores, por toda dedicação e ensinamentos que nos têm transmitido durante todos esses meses.

A todos os colegas de turma e pelo apoio em todos os momentos especialmente a minha colega Valdirene Santos, companheira de projeto.

Ao meu marido e filha pela paciência em vários momentos que necessitei e não foram poucos e pelo incentivo durante todo este período.

Aos que fazem parte da minha vida e conquistas.

ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

[Nelson Mandela](#)

RESUMO

Este trabalho consiste na sistematização de um Plano de Ação Pedagógica, desenvolvido no ano de 2010, na Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia, em uma turma de alunos de três anos.

O tema central deste trabalho foi prevenção ao racismo e teve como principal objetivo prevenir o racismo e contribuir para construção positiva da identidade cultural das crianças negras e pardas.

Este trabalho está estruturado em Três partes.

Na primeira parte, fazemos uma descrição do contexto em que o Plano de Ação Pedagógica foi desenvolvido, apresentamos a temática escolhida e sua justificativa teórica, bem como seus objetivos gerais e específicos.

Na justificativa discutimos teoricamente acerca da necessidade de prevenir o racismo e contribuir para construção positiva da identidade cultural das crianças negras e pardas..

Na segunda parte descrevemos o desenvolvimento das ações desenvolvidas, destacando as atividades realizadas juntamente com a história usada como eixo detonador.

Finalmente, na terceira parte, apresentamos uma avaliação do trabalho feito ressaltando o desenvolvimento integral da criança e o seu nível de construção, respeitando e valorizando cada momento de sua vida, o seu tempo de ser, de se desenvolver num ritmo próprio, propiciando detalhadamente aos alunos o contato com várias literaturas africanas, que lhe permitiram desenvolver suas habilidades de sonhar, imaginar, criar e produzir, através das atividades desenvolvidas.

PALAVRA –CHAVES: Educação infantil, relações étnicas ,diversidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
1.1 caracterização do contexto e do público escolar	09
1.1.2 escola municipal carmelita carvalho Garcia	09
1.2 a proposta pedagógica	10
1.3 educação infantil e sua proposta pedagógica	12
1.4 a relação escola/comunidade	13
1.5 a turma na qual será implantado o plano de ação	14
2. JUSTIFICATIVA	16
3. OBJETIVO GERAL	21
3.1 objetivos específicos	21
4. METODOLOGIA	22
5. DESENVOLVIMENTO	25
6.AVALIAÇÃO	28
7.CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
8. REFERÊNCIAS	32
9. ANEXOS	34

1- INTRODUÇÃO

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DO PÚBLICO ESCOLAR

1.1.2 Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia: história e organização institucional

A Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia situa-se na Rua Aluísio Davis, nº 53, Bairro Ouro Preto, em Belo Horizonte/MG, mantida pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. A escola recebeu este nome, em homenagem à Dona Carmelita Carvalho Garcia, mãe do ex-governador do Estado de Minas Gerais, senhor, Hélio Garcia. Dona Carmelita era professora, em Santo Antônio do Amparo. Nasceu em 23/07/1902 e faleceu em 28/08/59.

A escola foi uma conquista da comunidade do bairro Ouro Preto; os moradores tiveram que se unir para reivindicar sua construção; sendo que as famílias eram de baixa renda e não tinham escolas que atendessem seus filhos, tendo estes que deslocar mais de um quilômetro para estudar. A escola começou a funcionar a partir de 27/12/85 em algumas salas da Escola Estadual Francisco Menezes Filho, situada no Bairro Ouro Preto,

A Prefeitura autorizou a construção do prédio em 1982. A mudança para a Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia aconteceu em 25/08/86. Foram os funcionários, alunos e pais que fizeram a limpeza do prédio, a mudança e a organização das salas.

O espaço físico é razoável e atende, em parte, a organização da escola. Não existem adequações do espaço físico em relação aos portadores de necessidades especiais, pois faltam rampas de acesso, banheiros adaptados e outras adaptações que garantam a acessibilidade.

Os níveis de ensino são: educação infantil, ensino fundamental regular e ensino fundamental e educação de jovens e adultos (EJA).

O corpo docente é composto de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1: composição do corpo docente.

AREA DE ATUAÇÃO	Nº DE PROF	AREA DE FORMAÇÃO
Ed. Infantil	12	8 Pedagogias - 1 Psicologia – 2 Letras 1 Normal Superior
1º Ano 1º Ciclo (Pré-escolar)	2	2 Pedagogia
2º Ano do 1º Ciclo (1º Série)	3	3 Pedagogia
3º Ano do 1º Ciclo (2º série)	3	2 Pedagogia - 1 Letras
1º Ano do 2º Ciclo (3º série)	4	1 Pedagogia - 1 Ed.Física - 1 Lic. Artes - 1 Serv. Social
2º Ano do 2º Ciclo (4ª série)	6	1 Pedagogia - 2 Letras - 1 Turismo - 1 Ed.Física - 1 Lic. Artes
3º Ano do 2º Ciclo (5ª série)	8	Pedagogia - Letras - Ed.Física - Turismo
1º Ano do 3º Ciclo (6ª Serie)	13	Pedagogia - Letras - Arquitetura - Matemática- Ciências Bio.
2º Ano do 3º Ciclo (7ª série)	8	Pedagogia - Letras - Ed.Física - Ciências Bio
3º Ano do 3º Ciclo (8ª série)	10	História- Geografia - Ciências Bio - Arquitetura - Letras

1.2 A Proposta Pedagógica

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola está em construção. A proposta pedagógica que vigora na escola baseia-se no conjunto que abrange as

orientações da SMED, as referências norteadoras contidas nos cadernos da Escola Plural e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Os Referenciais Curriculares Municipais são pouco utilizados.

De acordo com a proposta curricular, os professores são orientados a trabalhar o conteúdo baseado em uma vivência real, levando o aluno a perceber que o que se aprende na escola tem a ver com o mundo que o cerca. E que os conhecimentos sistematizados são informações que o ajudam a compreender o mundo e facilitam sua interação com o mesmo.

A proposta pedagógica busca garantir a formação humana em sua totalidade, levando-se em conta as especificidades de cada idade de formação, bem como os diferentes ritmos e formas de aprender, as diferentes identidades e vivências culturais dos sujeitos, tendo em vista as dimensões éticas, lúdicas, corporal, política, afetivo/emocional, cognitiva, social e ambiental. Procura garantir a pluralidade de conhecimentos, estabelecendo inter-relações que possibilitem autonomia do pensamento e ação, trabalhando os conteúdos curriculares, visando ao desenvolvimento cognitivo e à apropriação dos saberes universais.

As diretrizes para a educação das relações étnico-raciais foram incluídas pela primeira vez em 2006 com a feira cultural sobre consciência negra. A princípio, a data 20 de novembro foi a detonadora dos trabalhos envolvendo atividades de reflexão e valorização da cultura afro-brasileira. Posteriormente, tal mobilização produziu positivo efeito e outros trabalhos desvinculados da comemoração foram realizados. Professores passaram a trabalhar com a coleção de livros¹ que abordam aspectos do continente africano. Em sala de aula, estereótipos e preconceitos foram sendo desmistificados através de aulas esclarecedoras e de cunho mais científico, já que se priorizaram as pesquisas e textos fundamentados, abrindo-se para debates. Essa dinâmica pedagógica foi incluída em todos os ciclos, com níveis de abordagens diferenciados, contudo com abertura para uma proposta pedagógica capaz de perceber as demandas existentes na escola em relação à identidade afro-brasileira, já que parte da comunidade escolar é de pardos e negros.

¹ PRANDI, Reginaldo – Ifá, o adivinho
ASARE, Meshack - O chamado de Sosu
BARBOSA, Rogério Andrade - Histórias africanas
BADOR, Adwoa - Histórias de Ananse

O projeto existente na proposta pedagógica percebe o aluno como produtor de cultura, envolvido em uma realidade produzida e modificada por ele. No entanto, ainda há uma “peneira” moral no corpo docente que emite juízo de valores quanto ao que é ou não aceitável dentro da escola. Algumas músicas, interesses, jogos, filmes e relacionamentos são julgados como inaceitáveis mesmo que reflitam um ponto de referência do aluno. Por exemplo, a escola abriu espaços para uma “rádio estudantil” na hora do recreio. Os alunos ficaram responsáveis pela programação. Porém, as músicas tocadas “incomodaram” os funcionários, a ponto dos mesmos persuadirem os alunos a se envolverem em “outros projetos”; a rádio passou a funcionar quinzenalmente, depois mensalmente, até ser extinta. As músicas tinham o ritmo de axé e funk.

Segundo a proposta, o discente deve significar os conteúdos estudados na escola. Na prática, muitos conteúdos são desvinculados de uma percepção do que ocorre na sociedade e no mundo que rodeia os discentes. Há ênfase na memorização e poucos espaços para reflexão dos conteúdos apresentados.

1.3 Educação Infantil e sua proposta pedagógica

Em 2004 foi formado o primeiro grupo de educadoras da Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia. As educadoras foram lotadas na escola após nomeação em concurso público para o provimento de cargo de Educador Infantil. Até então a escola só possuía os níveis do ensino fundamental regular, fundamental e educação de jovens e adultos (E.J. A) Foi um período de expectativas e anseios. A novidade mobilizou a escola e a comunidade. Fazendo parte deste primeiro grupo, percebi os avanços obtidos na construção dos processos pedagógicos. Inicialmente cada educadora implantou suas práticas pedagógicas de acordo com sua concepção de ensino. Contudo, identificando a realidade dos alunos, pautando-se nas orientações da SMED e nas diretrizes da educação infantil, o projeto pedagógico unificou-se em uma mesma concepção de infância.

Os alunos atendidos na educação infantil, no turno da manhã, são da faixa etária de 04 a 05 anos e no turno da tarde de 03 a 04 anos.

O grupo de profissionais é formado em cada turno por quatro professores titulares, um apoio e a coordenação (eleita do grupo de educadoras). A escolha

de turmas baseia-se no perfil do professor mais adequado à idade dos alunos e nos desafios a serem superados.

No ano de 2010 estou lecionando para a turma de 03 anos, no horário de 13h20min às 17h40min. As atividades diárias visam a ampliar a percepção de mundo, a linguagem oral e conceitos. O brincar está presente na rotina escolar, enfocando aspectos cognitivos. Assim, são trabalhados com os alunos conteúdos de várias disciplinas de uma forma lúdica. Os alunos aprendem a contar, a ter noção de quantidade, a diferença entre letras, números, desenhos, etc. Quanto à rotina, essa é considerada essencial para fixação de regras e para a compreensão de tempo decorrido.

Cada sala possui 20 alunos. Eles provêm da comunidade do bairro Ouro Preto (3ª Gleba) e adjacências, classificada como área de vulnerabilidade. São alunos, em sua maioria, com baixa condição econômica, alguns com histórico de abandono e violência; com casos de encaminhamento à escola, como medida de proteção, pelo Conselho Tutelar. A escola oferece alimentação, além da merenda convencional, já que, vários alunos chegam à escola reclamando estar sem alimentação. Fornece uniforme gratuito aos que comprovarem falta de condições financeiras para adquiri-lo. A escola também faz parcerias com o posto de saúde devido ao alto índice de problemas bucais, em que os alunos apresentam grande índice de cárie e maus cuidados.

No turno da tarde, há atendimento para alunos de 3 a 4 anos. Tal organização tomou como apoio a constatação de que em anos anteriores as crianças de 3 anos que estudavam pela manhã, chegavam muito sonolentas à escola (7h00min).

1.4 A relação escola/comunidade

Existem projetos de parceria com outras instituições e com a comunidade, como por exemplo, o Projeto Rede Pela Paz, que foi um trabalho que partiu de um diagnóstico da Escola Municipal Carmelita Carvalho Garcia, realizado em 2002. A partir dele foram definidas pelo coletivo da escola algumas propostas:

- Ampliação do trabalho já realizado na escola com pais de alunos:

- Promoção de parcerias com Postos de Saúde, SESC, Programas da Prefeitura, a fim de buscar a promoção da comunidade com relação a trabalho, educação, saúde;
- Reunião com setores da comunidade tais como: Posto de Saúde, Igrejas, Escola, Associação de moradores, Rádio Comunitária, Polícia Militar, BHTRANS, representantes da administração municipal, pais de alunos, para realização de um trabalho conjunto.

No geral há um bom relacionamento entre a comunidade e a escola, porém fica implícita nas falas dos professores que eles consideram o local de trabalho uma área de risco para segurança pessoal, que há muita violência em torno da escola e que o baixo nível econômico dos alunos tem relação direta com o desinteresse pelo aprendizado.

1.5 A turma na qual será implantado o plano de ação

A turma de três anos recebeu o nome de Turma do Bidu

Na classe estudam vinte alunos de origem raciais diferentes: brancos, pardos e negros. Há um aluno com deficiência diagnosticada, síndrome alcoólica, que é acompanhado por um estagiário. Os alunos demonstraram no início do ano pouco contato com teatro e músicas infantis, a maioria demonstrou medo ao assistir peças teatrais na escola, mesmo sendo peças adequadas à idade. Motivados a cantar a maioria só escutava e mostrava certa apatia. Não demonstravam interesse por livros.

No relacionamento em sala de aula há conflitos que ocasionam mordidas. Eu e o estagiário temos que ficar atentos, pois as brigas são silenciosas, mais com gestos que com palavras. Contudo os alunos demonstram gostar de conversar na hora da rodinha. É nesse momento que consigo perceber como os alunos estão se sentindo. Há momentos que os alunos manifestam tristeza por algo que aconteceu ou falam de uma intervenção policial que presenciaram envolvendo um parente ou vizinho. Vários alunos se escondem quando vêem o guarda municipal afirmando que “eles prendem”. Também há manifestação de alegria ao contar que passearam com os pais, em geral eles falam do passeio ao zoológico. Nesta turma há destaque no comportamento do aluno com deficiência que tem características físicas que chamam

atenção, como estar abaixo do peso e do tamanho e por não articular com clareza as palavras. Esse aluno tem bom relacionamento com os colegas que não manifestam perceber essas características. Destaca-se ainda um aluno que demonstra grande apatia e que não gosta de brincar, conversar e só observa a todos. Os colegas o chamam para interagir e demonstram interesse por ele, mas o mesmo prefere ficar sentado olhando os colegas brincarem. Não presenciei nenhuma manifestação de racismo ou discriminação racial ou de gênero, ao contrário percebo que os alunos lidam com a diversidade de forma tranqüila. São alunos que apesar das pequenas brigas, demonstram carinho e preocupação um com o outro. Não consideram nenhuma brincadeira específica de menina ou menino.

Na anamnese realizada foi averiguado que há muitas mães arrimo de família e o grau de escolaridade dos pais varia de alfabetizados ao 1º grau do ensino Fundamental incompleto. O número de moradores por casa é alto, sendo a maioria de núcleo familiar composto por pais tios, primos e avós. Nos diálogos na rodinha percebi que os alunos provêm de lares que estão tendo dificuldades financeiras e que presenciam cenas de violência e conflitos familiares, às vezes percebo que o aluno está com alteração no comportamento e comunico aos pais, diversas vezes eles relatam que estão passando por conflitos familiares, contudo demonstram interesse pela vida escolar dos alunos, comparecem às reuniões quando solicitados. O relacionamento entre a família e escola é bom e aberto ao diálogo.

2- JUSTIFICATIVA

Na educação infantil os alunos estão menos expostos à visão etnocêntrica, uma vez que há um novo olhar devido às lutas e conquistas dos movimentos sociais, como por exemplo, o Movimento Negro. Na mídia, negros aparecem em papéis relevantes e não mais apenas em papéis secundários e serviçais; nas propagandas vemos maior diversidade racial e concomitantemente pessoas negras assumem o poder e repercussão mundial. Tudo isso é muito novo a outras gerações, mas fazem parte da vivência dessa geração, fazendo-as identificar positivamente com os ícones da cultura negra.

Segundo Gomes:

“apesar das marcas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positivamente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/resignificação do ser negro. Pode ser a família, a participação em espaços políticos, a atuação de um professor ou professora, a construção de uma amizade ou de um relacionamento amoroso”. Gomes (2003)

Contudo por muito tempo, gerações anteriores conviveram com um universo repleto de ícones, literatura, materiais impressos em que o afro-brasileiro aparecia como ser subjugado ou inferior, tanto na mídia, como nas escolas. Silva, em seu livro *“Negro, qual é o seu nome? afirma que:*

“a instituição escolar tende a criar uma dificuldade de identificação dos indivíduos negros com seu grupo de origem e colabora para a perda de identidade cultural, quando os induz á crença de que são portadores de uma subcultura, analisada como folclórica pelos agentes pedagógicos presentes no universo da escola, ao utilizar livros e material didático que contêm imagens estereotipadas dos negros, ao repassar conteúdos etnocêntricos e silenciar sobre a luta de resistência dos antepassados negros contra o trabalho servil”. SILVA (1995)

Há na instituição escolar um discurso que reforça o preconceito, Como por exemplo, quando se escolhe o aluno branco para ser o príncipe, ou com frases dentro de sala de aula que sinalizam uma rejeição pelo cabelo afro ”sua mãe tem

que dar um jeito nesse cabelo”; Ou quando o toque do cabelo somente é direcionado ao aluno de cabelo liso. Ainda, segundo Silva:

“a partir de 6 anos o ser humano, já possui uma linguagem orientada para a vida em sociedade, dando significado as coisas, ele compreende e é compreendido pelo outro, conseqüentemente o homem elabora sua visão do mundo e sua classe social, absorvendo e adotando determinados papeis na estrutura social. Portanto um processo de comunicação em que as mensagens verbais expressem o domínio de uma pessoa sobre a outra é prejudicial à construção da Identidade” Silva (1995)

A criança tende assimilar valores e reproduzir discursos, sua auto-imagem passa pelo olhar e conceito do outro. Esse olhar pode torná-la segura e autoconfiante ou cheia de complexos de inferioridade. Tal sentimento pode acompanhá-la por toda etapa escolar o que pode influenciar no seu rendimento na aprendizagem. Vários são os relatos de crianças negras que sofrem discriminação e tornam-se tímidas a ponto de não participarem das aulas ou assumem rótulos estigmatizados, assumindo-se como burras ou inquietas. Segundo o censo escolar de 2007 a distorção idade /série de brancos é de 33,% na 1ªsérie e 78,7% na 8ª série. Dentre os jovens brancos de 16 anos 70% haviam concluído o ensino fundamental obrigatório, enquanto que dos negros apenas 30%%. Dentre as crianças brancas de 8 e 9 anos na escola, encontramos uma taxa de analfabetismo da ordem de 8% enquanto que dentre as negras essa taxa é de 16% (Diretrizes Curriculares para Educação das relações étnica racial e para o ensino e cultura afro-brasileira)

A instituição escolar tem que estar atenta para formas implícitas ou explícitas que reforçam a visão etnocêntrica e não incorrer no erro; deve promover valores que ajudem nas relações interpessoais e no respeito às diferenças étnicas, na construção da identidade e utilizar estratégias que auxiliem na representação positiva da herança africana. Segundo Santos (1990) “é necessário desfazer idéias estereotipadas sobre a África”. Conhecer a origem dos afros descendente anula um discurso baseado em mitos e superstições que muitas vezes levam a uma inferiorização dos grupos originados desse continente. É recorrente as falas sobre as misérias da África e, sobre a visão do um continente acultural e selvagem e assim rotular os afro descendentes.

A lei de diretrizes curriculares Nacionais para Educação das Relações Ètico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana afirma que:

“a lei 10.639/03 esclarece que os estabelecimentos de ensino têm atribuição de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior deixem de sofrer os primeiros e contínuos atos de racismo que são vítimas”.

Assim a construção da identidade negra será vinculada a auto estima positiva, pertencente a um grupo de origem que possui uma história valorosa e rica culturalmente que deixam marcas na arte, dança oralidade, escrita; entre outros.

A educação Infantil primeira etapa da vida escolar pode promover um olhar positivo das heranças africanas. A rotina escolar na educação infantil pode propiciar um ambiente que favoreça o respeito á diversidade. A hora da rodinha é momento propício para que se enxergue e escute o outro. As atividades nela realizadas podem ser direcionadas para abordar temas relevantes para o universo infantil. È um momento propicio para que a criança exponha seus anseios e manifeste seu pensamento e o professor proponha atividades musicais, contos e atividades de percepção do próprio corpo e do outro. Ao expressar-se, observar-se e ao outro internalizará o respeito à diversidade e aceitação de si mesma. Segundo as diretrizes curriculares nacionais

“O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais nos primeiros anos de vida são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendem e se envolvem conscientemente em ações que conhecem e valorizem a importância dos diferentes grupos etnicorraciais para história e cultura brasileiras.”

Paulo Freire em Carta do direito e do dever de mudar o mundo diz que “é certo que mulheres e homens podem mudar o mundo, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que “chegam” em sua geração.”..

Na educação infantil os alunos trazem marcas de suas próprias experiências que interfere na sua significação de ser negro, mas é na escola que terão os primeiros contatos com os conceitos institucionalizados e a produção social acumulada historicamente. Sua visão de mundo será ampliada juntamente com a

percepção de espaços sociais e culturais. Ali terá contato com mensagens explícitas e implícitas que preservam juízo de valor. É evidente que o discurso existente dentro de uma sala de aula não é neutro. Todo ícone selecionado, toda ilustração escolhida para o ambiente, a forma como é direcionada a rotina escolar está impregnada com a ideologia escolar e com a visão de mundo do corpo docente. Segundo Freire:

“o momento de que uma geração faz parte, porque histórico, revela marca antigas que envolvem compressões da realidade, interesses de grupos de classes, preconceitos, gestações de ideologia que se vêm perpetuando em contradição com aspectos mais modernos.”

Gomes (2003) afirma sobre os diversos espaços de construção da identidade negra. Sendo a escola um desses espaços, deve haver uma reflexão e postura crítica sobre o grau de transformação do discurso preconceituoso nela existente, persistindo na importância de trabalhar desde a educação infantil com a diversidade étnico-racial para que cresçam com uma auto-estima positiva, capazes de expor seus pensamentos e participar ativamente do processo educativo. Há muito a ser feito em relação à busca da consolidação da democracia brasileira, e a sociedade se movimenta em várias esferas para retificar ações que impedem a cidadania plena dos afro descendentes, Essas ações utilizam como juízo de valor positivo tudo que transpareçam a herança europeia, desde a cor da pele aos discursos científicos, Até então, o reconhecimento e valorização das raízes europeias torna cidadão de direito todos que trazem a marca dessa descendência; subjugando-se as outras descendências e desconsiderando a pluralidade étnico-racial como um somatório de riquezas culturais. Essa visão etnocêntrica vem desde o colonialismo e ainda persiste. *Lopes (2008)* fez um comentário pertinente: “segundo a visão eurocêntrica os africanos só seriam considerados civilizados ao alcançarem o padrão europeu.” (*História da África uma introdução*) Ainda hoje há uma cultura de branqueamento, uma tentativa de moldar à imagem dos europeus para que o negro seja aceito socialmente. O corpo docente tem que estar preparado para questionar até que ponto reproduz valores etnocêntricos ou pauta-se em uma concepção pedagógica que produz valores de respeito às diferentes etnias. Nos estabelecimentos de ensino, segundo a resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, cultura e dos afro-

brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

O Plano de ação tem como proposta de trabalho dinamizar a hora da rodinha para promover valores de respeito às diferenças, aceitação de si mesmo e valorização das heranças africanas.

3- OBJETIVO GERAL

Prevenir o racismo e contribuir para a construção positiva da identidade cultural das crianças negras e pardas, tornando-as orgulhosas de sua afro descendência.

3.1 Objetivos específicos

- * Selecionar material bibliográfico que contenha temas africanos e afros brasileiro.
- * Criar material didático que promova valores positivos em relação à herança africana.
- * Criar espaços de reflexão sobre raça /etnia /diversidade
- * Reconhecer espécies de animais de origem africana.
- * Valorizar a estética dos cabelos afros.

4- METODOLOGIA

O tema que orienta este plano de ação é prevenção ao racismo. O presente projeto surgiu da observação do cotidiano escolar, pois diferente dos anos anteriores, (2006 a 2009) os alunos não apresentam nenhuma manifestação de preconceito ou discriminação em relação às diferentes etnias.

Para verificar a veracidade da observação várias atividades foram realizadas, como por exemplo, a contação de uma história, cuja personagem principal era uma fada: Foram apresentados à turma dois livros: um que continha uma bonita menina branca (Cachinhos de ouro) e outro que continha uma bonita menina negra (bonequinha preta). Um a um, os alunos deveriam apontar em qual livro estava a história da fada. Em outro momento foi levado á turma uma boneca preta de pano, de 1 metro e 20 cm que causou muita admiração e manipulação. Todos os comentários apontaram para uma idéia positiva da boneca. Ainda foram mostradas duas figuras que continham as histórias Cachinhos de ouro e a bonequinha preta (somente as personagens principais) para os alunos escolherem qual era mais bonita e gostariam de levar para casa. O resultado da pesquisa foi:

Tabela 2 Observação comportamental de alunos da educação infantil.

Alunos	Bonequinha preta	Cachinhos de ouro	Não souberam opinar	Total de entrevistados
Apontaram como sendo fada	10	9	1	20
Acharam mais bonita	9	10	1	20

Os resultados sinalizam a possibilidade de uma positiva mudança social e deve ser reforçada pela instituição escolar. Foram realizadas atividades pedagógicas para fazer o reforço positivo.

Para a realização deste projeto de intervenção foi necessária a realização de uma reflexão a respeito da etnia na sala de aula e optar pelas seguintes ações:

- Pesquisa investigativa sobre a visão do aluno em relação às diferentes etnias;
- Levantamento e análise dos dados coletados;
- Levantamento do referencial teórico;
- Leitura e seleção do referencial teórico apropriado ao projeto.

Essas ações citadas procuram explicar as relações étnicas a partir das referências teóricas publicadas e da realidade do aluno, buscando conhecer e analisar as contribuições para continuar incentivando o respeito à diversidade.

Foi feita uma observação no decorrer do ano letivo completando a coleta de dados, cujo objetivo é verificar se houve contribuição para o fortalecimento de relações de respeito e valorização das diferenças, especificamente, das diferenças raciais em sala de aula.

A seguir, cronograma das atividades desenvolvidas:

1ª atividade: **16/08/10 a 20/08/10** – Contação da história: Bruna e a Galinha D'Angola. Trabalho de artes com a pintura da galinha d' angola.

2ª atividade: **23/08/10 a 27/08/10** – Literatura: a) O cabelo de Lelé. B) As tranças de Bintou - Atividade na rodinha: Observação da própria imagem e a do colega refletida no espelho.

3ª atividade: **30/08/10 a 03/09/10** – História: De todas as cores. Atividade na rodinha: Confecção coletiva do desenho de um jardim representado por vários tipos de cores.

4ª atividade: **06/09/10 a 10/09/10** – História: a) Gigi o Girassol. b) Diversidade Atividade na rodinha: Manuseio do livrão com a leitura realizada pela professora e trabalho de artes com a pintura do girassol.

5ª atividade: **13/09/10 a 17/09/10** – História: O elefantinho da tromba caída: Trabalho de artes, dobradura com o tema elefante.

6ª atividade: **20/09/10 a 24/09/10** – História: a) Menina Bonita do Laço de Fita. b) A Bonequinha Preta. - Atividade proposta: Os alunos foram motivados a observar a si e aos colegas de forma carinhosa.

7ª atividade: **27/09/10 a 01/10/10** – Literatura: Doce Princesa Negra. Atividade realizada: Os alunos usaram o fantoche da doce princesa negra fazendo encenações.

5- DESENVOLVIMENTO

Conforme mencionado na justificativa, durante o ano de 2010 observei que diferente dos anos anteriores, os alunos não demonstraram preconceito ou discriminação racial. Para fazer o reforço positivo direcionei as atividades na hora da rodinha com literaturas africanas e afro-descendentes e apliquei dinâmica de grupo com ênfase na percepção de si e do outro.

Duas vezes por semana, na hora da rodinha, utilizei estratégias para o fortalecimento da identidade negra e da auto-estima dos afro-descendentes. O eixo

detonador eram as histórias que criavam momentos propícios para atividades de observação e reflexão.

A seguir serão descritas as atividades realizadas juntamente com a história usada como eixo detonador.

- **1ª Atividade:** Para o reforço positivo contei a história da “Bruna e a Galinha D’Angola”, de Gercilga de Almeida, cuja história é uma homenagem às raízes negras do Brasil.

Após o conto da história conversei sobre a origem da galinha d’angola e fizemos uma atividade usando tinta preta, papel e canetinha, passando tinta em toda a mãozinha, fazendo uma galinha d’angola, sendo que após a secagem da tinta, os alunos fizeram as pintinhas na galinha, usando corretivo e fazendo o bico e os pés com a canetinha, com o auxílio da professora. Logo em seguida, fizemos uma exposição no mural da sala. Foi um belo trabalho!

- **2ª Atividade:** Trabalhei com as literaturas: “Doce Princesa Negra”, de Solange Cianni, onde o objetivo é auxiliar na construção da identidade negra na infância; “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, o qual mostra a beleza de ser como é, descobrindo os vários tipos de cabelos, tão lindos, tão belos; “As tranças de Bintou”, de Sylviane A. Diouf”, que é uma história comovente, que permite repensar o Brasil através dos costumes africanos, onde se constata uma criança que usava birotos na cabeça e vivia sonhando em ter tranças longas como os adultos.

Fiz uma discussão sobre os cabelos que cada um de nós tem e em seguida, ficamos todos de frente para o espelho, onde observamos a beleza que cada um de nós possui e logo depois, cada criança acariciou o cabelo de cada coleguinha. Foi muito interessante esta atividade. Todos ficaram entusiasmados em acariciar o colega.

Aproveitando o envolvimento dos alunos com a história “Doce Princesa Negra”, pude contar com a colaboração da direção que muito se prontificou na compra dos materiais de que precisava para que o projeto de intervenção pudesse transcorrer da melhor forma possível. Sendo assim, foi feito um

fantoches da Doce Princesa Negra para cada aluno, como finalização dessa atividade.

Esse trabalho ficou tão lindo que até mesmo as outras professoras da educação infantil, tanto do turno da tarde quanto do turno da manhã, decidiram executar a mesma atividade, com o mesmo objetivo. Todos os alunos ficaram fascinados em saber que aquela Doce Princesa Negra seria levada para sua casa, podendo ser mostrada aos seus pais, parentes, vizinhos e amiguinhos. O fantoche da Doce Princesa Negra ficou realmente lindo; qualquer criança gostaria de ter um.

- **3ª Atividade:** contei a história “De Todas as Cores”, de Nye Ribeiro, onde a ideia central é plantar no coração das crianças um jardim com flores de todas as cores, ensinando-as a amarem a vida em todas as suas formas e manifestações, sem qualquer tipo de preconceito, pois quando descobrimos nosso verdadeiro valor, podemos reconhecer também o valor do outro. Em seguida colocamos no chão uma folha de papel craft grande, onde os alunos escolheram as cores de giz de cera para fazer um belo jardim, com todas as cores, trabalhando também a autonomia do aluno. Depois coloquei no mural da sala, para que eles pudessem apreciar a bela atividade.
- **4ª Atividade:** Gigi, O Girassol, de Gerusa Rodrigues Pinto, foi uma emocionante história que mostra um girassol que nasceu e cresceu no meio das espigas de milho, mas que essa diferença não foi motivo para impedir a amizade entre eles. Fiz um livrão de um metro e quatorze centímetros de comprimento por oitenta e quatro centímetros de largura, onde os próprios alunos puderam fazer o relato da história. Todos ficaram muito alegres ao manusear o livrão. Cada aluno recebeu o texto com a história onde puderam colorir os personagens.
- **5ª Atividade:** Ao trabalhar a história “O elefantinho da tromba caída”, de Consuelo Dores Silva, o qual mostra uma emocionante aventura ocorrida na África, fizemos a dobradura do elefante, onde os alunos fizeram também a colagem dos olhos e se divertiram muito. Houve um envolvimento muito grande entre os alunos.

- **6ª Atividade:** Fiz também a contação das histórias: “Menina Bonita do “Laço de Fita”, de Ana Maria Machado e “Diversidade”, de Tatiana Belinky, onde o objetivo é mostrar que se todo mundo fosse igualzinho, o mundo não teria graça. Mas só reconhecer que as pessoas são diferentes não basta. É preciso respeitar as diferenças.

Dessa forma, fomos novamente para frente do espelho para observar as diferenças e apreciar carinhosamente a beleza de cada coleguinha e a sua própria beleza.

Observei que os alunos ficaram mais envolvidos e mais prestativos uns com os outros após a execução desse projeto, que ainda não chegou ao fim, mas que cada vez mais nos mostra a sua eficácia e aponta novos caminhos a seguir, sempre buscando um trabalho de qualidade e que faça sim uma diferença na mentalidade dessa geração que está sendo “construída”, através do reforço positivo, pois é um compromisso da educação investir na autoestima das crianças.

6- AVALIAÇÃO

O plano de ação desenvolvido em sala de aula atingiu o objetivo de valorizar as heranças africanas e expandir o conhecimento sobre a cultura africana e afro brasileira. Foram abordados temas como etnia, diversidade, aspectos culturais e geográficos do continente africano e as heranças culturais existentes no cotidiano brasileiro.

Durante o desenvolvimento do plano de ação valores como respeito à diversidade e amizades foram reforçados por meio de atividades na rodinha: observação e toque, expressão corporal, músicas e danças. Os alunos se envolveram na dinâmica e percebeu-se que se tornaram mais autoconfiantes e que

laços afetivos foram fortalecidos. Notei que vários alunos passaram a fazer penteados diferentes, as meninas com trancinhas e laços e os meninos usando gel. Eles passaram a observar e verbalizar admiração pelo penteado ou acessórios que o colega estivesse usando. Os pais mencionaram em conversas informais que os filhos pediam para “irem bonitos para escola”. A turma passou a dialogar mais, se auto-controlando quando as normas estabelecidas eram desrespeitadas. As mordidas foram substituídas por pequenos diálogos e pela solicitação de intervenção da professora na mediação dos conflitos. Notei que houve um fortalecimento na amizade e boa convivência.

O contato com várias literaturas africanas despertaram nos alunos muito interesse, eles passaram a folhear os livros com atenção, observando as gravuras e pedindo para contar a história escrita. Percebi que os alunos desenvolveram a concentração para ouvir histórias e assistir peças teatrais. Os pais chegaram a expressar que notavam os filhos com mais interesse em ir á escola e mais comunicativos. Um dos pais contou que o filho não respondia a nenhum cumprimento modificou o comportamento e interagindo mais com as pessoas. Foi notório que a mudança foi motivada pela brincadeira de cumprimentar o coleguinha feito na rodinha.

Os alunos demonstram ter adquirido noção de espaço territorial, pois várias vezes perguntaram a origem (de que país) era determinado animal e fizeram comentários pertinentes quando assistiram a um vídeo musical sobre vários países e continentes. Ao ser mencionado o continente africano houve reconhecimento sobre o tema.

O resultado obtido com o plano de ação tornou o relacionamento afetivo entre o grupo de alunos e profissionais da escola fortalecido em um clima de respeito a todo tipo de diversidade, seja de cultura, raça ou idade. Ao aplicar as atividades em sala outras professoras interessaram-se pela proposta, como por exemplo, a confecção do fantoche da princesa negra por toda educação Infantil. Percebi um cuidado maior (por parte dos profissionais) com o discurso utilizado ao mencionar cuidados com os cabelos, e de não manifestar-se de forma preconceituosa. Houve crescimento profissional, ao selecionar o material bibliográfico com temas africanos ampliei meu conhecimento a cerca da literatura e descobri livros que não conhecia. Tornei-me mais atenta em relação o acervo bibliográfico contidos nos espaços culturais inclusive cobrando a presença da Literatura africana e livros com temas

sobre diversidade racial. Também me tornei mais atenta em relação os discursos existentes na escola e a forma de conduzi-los dentro da sala de aula, com isso ampliei esse posicionamento no tratamento aos pais, ouvindo - os de forma mais atenta, e percebendo os anseios contidos em pequenas frases ou gestos. Tal observação foi enfocada nas reuniões de pais em que foram abordados os assuntos relevantes decorridos dessas observações. Notei que os familiares também se sentiram mais confiantes com o trabalho escolar.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O etnocentrismo e o racismo existem na sociedade brasileira demarcando as relações de poder e interpessoais. O discurso de uma supremacia racial influenciou na forma que o negro é visto na sociedade, delimitou espaços e distribuição de renda e conseqüentemente uma estrutura social desigual. No Brasil o racismo aparece em várias situações de maneira implícita ou explícita que vão desde piadas racistas à constatação através de pesquisas do índice de escolaridade do negro em relação o branco. Em nossa sociedade a população negra é privada do acesso aos empregos de melhor qualidade, sofrem maior violência urbana e policial e ocupa um espaço geográfico de periferia.

O movimento negro e grupos ativistas empenham-se em mudar essa realidade, entre as várias conquistas está a criação da lei 10.639/3 que inclui no currículo escolar o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que tem como um dos objetivos educar para relações étnico-raciais. Em cada segmento social há muito a ser feito para o combate ao racismo e a discriminação racial; na esfera educacional urge a necessidade de romper com discursos pedagógicos preconceituosos e impregnados de rótulos. Por muito tempo a instituição escolar trabalhou dentro de uma visão etnocêntrica através de materiais didáticos, imagens e posturas que colocam o negro como inferior, em papéis subalternos e com estigmas de humilhação e violência. A história contada dentro dos valores eurocêntricos expõe a África e as pessoas de lá originadas como aculturais, selvagens e pagãos, influenciando uma ideologia de superioridade de raça em que tudo que se afasta do modelo europeu seja considerado inferior.

O profissional da educação tem que atentar para a necessidade de educar as relações raciais, construindo um espaço pedagógico pautado no respeito à diversidade de raça e cultura, abrindo um espaço de reflexão para que conduza a compreensão de que a sociedade brasileira é formada por pessoas de diferentes grupos étnicos, que possuem história e cultura própria de iguais valores e que em conjunto constroem a história da nação brasileira. A auto-estima do aluno negro é construída através do que é apresentado na escola como referencial positivo e a escola em uma visão eurocêntrica sempre priorizou contos, mitos e lendas que possuem como personagens principais um ideal que exclui os afros descendentes. Trabalhar a auto-estima dos alunos negros requer pensar nas imagens e ícones que são vinculados na escola, além de promover de forma positiva sua origem afro descendente, apresentando um continente de variadas riquezas geográfica, histórica e cultural. As diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e cultura afro-brasileira e Africana diz que:

“Não se trata de mudar um foco etnocêntrico (...) mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.”

Na educação infantil a criança está há menos tempo exposta a visão etnocêntrica, iniciando a assimilação dos valores sociais repassados pelas

instituições. É um momento propício para romper com imagens negativas vinculadas na mídia e meios de comunicação, de promover e valorizar as heranças africanas e intensificar o respeito à diversidade existente na sociedade. Os contos infantis que fascinam podem e devem apresentar príncipes e princesas para além do modelo europeu, ou seja, deve-se incluir material bibliográfico que incluam histórias que apresentem personagens negros de forma positiva e ainda deve-se valorizar as danças, músicas, jogos e oralidade com marcas de raiz africana. Esses cuidados favorecerão a construção de uma auto-estima positiva da criança negra que se reconhecerá num modelo positivo e valorizado.

8-REFERÊNCIA

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a Galinha D'Angola; ilustrações Valéria Saraiva**, 3 ed. Rio de Janeiro: EDC. Editora Didática e Científica e Pallas Editora, 2003.

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999. (Coleção Camaleão)

BRASIL. LEI N 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003.

CIANNI, Solange Azevedo. **Doce Princesa Negra**. Editora LGE, 2006

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana; pg.35

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

FREIRE, Paulo **Carta: do direito e do dever de mudar o mundo**, pg.317, Editora Expressão Popular, 2003.

Gomes, Nilma Lino Educação, **identidade negra e formação de Professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Revista: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

Lopes, Ana Mônica **História da África: uma Introdução**, pg.19, Editora Crisálida, 2008.

MACHADO, Ana Maria **Menina Bonita do Laço de Fita**, Editora Ática, 1997

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta/Alaíde**. Belo Horizonte, Editora Lê, 2004.

PINTO, Gerusa Rodrigues **Gigi o Girassol**, Editora Fapi Ltda.

RIBEIRO, Nye **De todas as cores**. Editora Roda e Cia, 2005

SILVA, Consuelo Dores **Negro, Qual é o seu nome**, pg.103 Maza Edições, 2º edição, 1995

SILVA, Consuelo Dores **O elefantinho da tromba caída**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

9 – ANEXOS





